

Para uma Estética da Libertação a partir do Sul-Global*

Enrique Dussel

396

Exporei os princípios de uma estética, que não foram ainda publicados. Estou terminando um livro inédito, sobre a Estética da Libertação. Antes de começar, gostaria de apresentar-lhes um livro, que acaba de sair, que é uma antologia sobre a Filosofia da Libertação. É um livro de quase mil páginas da editora AKAL, que é uma grande editora, e publica essa obra em Madri, no México e na Argentina. É uma antologia de trinta e dois textos meus, escritos desde o começo do processo da Filosofia da Libertação, nos anos 1970, até o presente¹. A estética, no entanto, não entra. A não ser em algumas hipóteses que publiquei, no Chile, há dois anos², e que são a base do que estou escrevendo agora. Por isso, agradeço que me permitam falar do tema da estética, sobre um tema inédito, o último tema da Filosofia da Libertação. Com a estética, termino um dos ciclos, o dos grandes tratados da Filosofia da Libertação: a lógica, a linguística, a antropologia, a ontologia, a metafísica, a política... E agora a estética, a partir da América Latina. Toda a Filosofia da Libertação é uma filosofia latino-americana, toda ela, que se começou a pensar na América Latina, e justamente por isso se propôs descolonizar, desde seus primeiros trabalhos, desde os primeiros anos, desde 1969, 1970. Agora já se completam cinquenta anos de Filosofia da

* Tradução ao português de Maryllu de Oliveira Caixeta.

¹ DUSSEL, Enrique. *Filosofía de la Liberación. Una antología*. Madri/México/Buenos Aires: AKAL, 2021.

² DUSSEL, Enrique. “La belleza estética en la totalidad cultural y el juicio del gusto”. *Papel máquina*, n° 15, ano 13, p. 69-98, maio 2021.

Libertação. Sempre temos pensado a partir da América Latina. Essa é uma filosofia latino-americana. Vou lhes falar, sobretudo, da estética. Falarei menos da literatura, que vai ter um capítulo, e já vou explicar como ele vai funcionar, dentro de uma estética geral. Começemos.

397 “Estética” vem de *áisthesis*, um termo que sinto muito ter de usar, pois devo reportá-lo aos gregos. Significa o gosto, justamente aquilo que Kant apresenta sobre os gostos: não há critérios universais. Isso não está certo. Há sim critérios válidos para as culturas, para todas as culturas. Vou tentar, mesmo que pareça pretensioso, dar uma primeira descrição fundamental do que é a beleza e o gosto. Porque aí se joga, nessa correlação entre beleza e gosto, toda a estética. Isso foi tratado desde Platão, e mesmo antes dele. Platão pensa que a beleza é uma ideia. Tomás de Aquino a nomeia como o “esplendor da forma”. Kant trabalha a beleza na terceira *Crítica* (1790), que é a crítica do gosto, a crítica justamente estética ou teleológica. E Hegel dedica à beleza cinco grandes lições, desde que foi professor em Heidelberg, até morrer em Berlim em 1831. Cinco cursos de estética, que seus alunos escreveram posteriormente com suas anotações de aula. É um livro de quase mil páginas, que se chama *Lições sobre Estética* (1820-1829), e que talvez seja a mais ampla Estética já escrita na Filosofia. Com ela, comecei a trabalhar, fazendo um comentário sobre essas lições da estética de Hegel, para me distanciar das posições teoricistas, eurocêtricas, europeístas de Hegel. Mas, de qualquer maneira, tenho que levá-lo em consideração, pois é a primeira visão que, influenciada por Winckelmann, faz do pensamento grego a beleza clássica, desenvolve uma *Estética*.

O primeiro ponto que proponho é que temos que pensar três constelações de estética. Se penso apenas uma estética dada, vigente, somente considero uma das três constelações. E há muitos teóricos, Walter Benjamin, por exemplo, que se instala na segunda constelação, e faz uma crítica à estética vigente e hegemônica na sua época. Mas é negativa. E se alguém pensa que essa é toda a estética... não pode então construir toda uma estética só com Walter Benjamin, pois se trata da negação da estética hegemônica.

Três estéticas, três momentos ou constelações. Vejamos a primeira. Quando um conceito de beleza se impõe em uma cultura, em um momento

histórico, todos os membros dessa sociedade entendem como beleza um certo tipo de beleza. Os chineses, por exemplo, têm uma concepção de beleza, e as artes plásticas chinesas pintam de uma maneira incompreensível para o pensamento persa, grego, romano, medieval ou moderno. Sempre são as montanhas, as árvores, os salgueiros-chorões, com textos escritos na margem. Uma pintura com textos, quer dizer, que dá um conteúdo filosófico à pintura. E, bem cedo, no papel, porque os chineses descobrem, mil anos antes que os europeus, o papel. Pintam sobre o papel de arroz e quando alguém vê todas as pinturas chinesas, pode lhe parecer que são as mesmas. Nesse caso, essa pessoa não se dá conta de que desde 200 a.C. até 1912, quando se instala a República na China, houve por mais de vinte e dois séculos os mesmos critérios estéticos para todas as artes: a arquitetura, a pintura, a escultura (que é muito importante), a literatura (Confúcio, os grandes pensadores), a música, os instrumentos musicais e a mística chinesa. Não se entende a China se não a vemos a partir da China, se a estudamos de outro lugar. São vinte e dois séculos de estabilização de um conceito de beleza dos chineses.

398

Claro, podemos dizer o mesmo da concepção ocidental eurocêntrica sobre a beleza, imposta principalmente pelos românticos alemães, como Winckelmann, que faz do pensamento grego o conceito clássico de beleza (e depois depreciaram, por exemplo, o gótico). De acordo com essa concepção, a beleza clássica renasce, como Renascença, do pensamento oriental, do Império Bizantino, que era grego, e são os herdeiros da Grécia... e depois se passa depois à concepção de beleza da Modernidade. Mas essa é uma das possibilidades.

A América Latina, nesse processo, foi sempre colônia, e colônia artística, desde a invasão da América. Antes disso, tinha tido enorme autonomia quanto ao manejo de suas artes, fossem sistemas mesoamericanos, astecas, incas no Peru, ou maias em Yucatán. E aí sim havia originalidade e diferença, mas isso depois foi abatido pela conquista, e surgiu uma estética dependente dos centros do poder. Por isso então há uma primeira constelação da arte, mas depois vem uma segunda constelação, que é sua negação, e diz: isso não é válido para todas as culturas, isso é válido para algumas culturas, e mesmo para dado momento dessa cultura. Então

existe um momento de crítica à beleza, à estética, ao gosto, às obras de arte de um período, quando estamos na segunda constelação, que é negativa. Depois, surge uma terceira constelação, que é a de um novo momento criador de beleza, que surge a partir dos povos, não falo das classes, mas de algo mais amplo, os povos com suas classes, sobretudo com suas etnias, com sua composição de várias culturas. Esse é um terceiro momento criador, na América Latina. Na literatura, o *boom* da literatura hispano-americana, a partir de Alejo Carpentier, em *Os passos perdidos* (1953), e em tantas obras, como as de García Márquez e outras, é a criação de um novo tipo de escrita, a do realismo mágico, que impacta toda a humanidade. Então, há autores na Índia e na Europa que imitam os autores latino-americanos que estão falando de algo próprio, e isso é também uma afirmação de algo próprio, como a Filosofia da Libertação.

Então temos três constelações. Alguém pode instalar-se no momento negativo, mas a estética não é somente crítica. Outros podem instalar-se no momento criativo, mas a estética não é somente criativa. A estética tem momentos negativos e tem momentos de estabilidade hegemônica, quando certo tipo de beleza é aceito por todos e tem uma certa unanimidade. Temos que saber situar os autores em seu tempo, em seu momento, quer dizer, em que constelação se encontram... e também a literatura.

Passemos à estética. A primeira constelação da estética considera o modo como se instala um sistema cultural, que admite a vigência de um tipo de beleza e de gosto hegemônico. Mas, para isso, temos que ir com muito cuidado, pois há muitas coisas para definir e não poderia ser em poucas palavras. O cosmos é a totalidade das coisas reais, estou falando com precisão; o mundo é a totalidade das coisas com sentido. Cada pessoa e cada cultura têm um mundo que inclui e absorve parte do cosmos, parte da realidade, dando-lhe sentido. Mas o significado cósmico não é o mesmo que o sentido existencial, que se dá às coisas. Aí, eu teria que dar não uma conferência, mas sim um trimestre... para explicar como o mundo é a inclusão de parte da realidade, mas dentro de um mundo cultural com sentido. Uma coisa é que alguém tenha morrido, e eu entendo o significado de que morreu, mas uma coisa completamente diferente é o sentido cultural que vou dar à morte. O sentido pode ser de dois tipos: o da imortalidade, o

de que o morto tem uma alma imortal; ou o de que vai ressuscitar sua corporalidade unitária, porque não existe alma. Então, esse *post-mortem* dá um sentido à morte. Mas então o sentido é uma contração humana e metafórica, e as obras de arte vão se instalar, como diria Blumenberg, no segundo horizonte transcendental do sentido e não simplesmente no de seu significado. Aí temos que ir com cuidado, explicando todas essas coisas.

Estético vem de *aisthētikós*, que é gostar de algo, gostar em grego. Primeiro, permitam-me um exemplo que passa despercebido. Giorgio Agamben, filósofo e professor de uma escola de arte em Veneza, tem um livrinho que se chama *Gosto* (2015). Eu me digo, “ah, excelente. Vamos ver o que fala sobre o gosto”. Mas, na verdade, não fala do gosto, fala de como se gosta das coisas: se com a inteligência, com a vontade, com uma capacidade particular. Então, todo esse livrinho sobre o gosto é sobre como captamos e sentimos aquilo que chamamos “o que eu gosto”. E atenção, pois o que eu gosto se opõe ao que me desgosta.

400

Desde já, adianto que a estética vai usar, em sua terminologia, metáforas que se originam todas no gosto da comida. A arte das artes, sem metáfora, é o comer, porque na parte de trás da língua temos as papilas gustativas, do gosto. E no século XVIII, os empiristas ingleses debateram sobre o *taste*. Uns diziam isto, outros diziam aquilo. John Locke dizia algo, mesmo Adam Smith definia o que era o gosto, mas não se davam conta de que a palavra gosto vem de gostar. O que alguém gosta, gosta com as mesmas papilas gustativas com as quais come. O que quer dizer que o gosto vem, na realidade, da arte gastronômica, o que há de mais popular no mundo. É o que fazem nossas avós e nossas mães, que dão bom gosto à comida que comemos, duas ou três vezes por dia, todos os dias da vida, e não pensamos que aí já está a estética. E a estética fundamental.

Agamben termina seu texto sobre o gosto, e não se refere em nenhuma página ao gosto de comer, que é o gosto dos gostos, porque é o que dá à pintura a palavra “gosto”... “Gosto dessa pintura de Picasso”... ou à música, “gosto dessa sinfonia de Beethoven... ou à escultura, gosto das esculturas de Rodin... ou de arquitetura, “gosto da arquitetura da Basílica de Roma de Michelangelo”. Gosto. E isso tem a ver com uma concepção anatômica, porque deixamos a sensibilidade em um segundo nível. As duas

grandes faculdades humanas são: o conhecer e a vontade, o querer. E os sentidos, da visão, da audição, do olfato, do tato, do gosto, os deixamos de lado.

Para Kant, isso era o patológico, o que não podia determinar o bem, na ética. Kant era dualista, pensava que havia uma alma e um corpo. Descartes ia ainda mais longe. Dizia: a alma é uma substância à qual é indiferente ter um corpo, de modo que a alma era algo como um anjo, e a corporalidade era algo que se agregava à alma. Mas como a sensibilidade estava no corpo, ficava degradada ao nível inferior, enquanto o superior era a inteligência, o saber e a vontade no ato ético. Já a sensibilidade era uma qualidade secundária. Temos que revalorizar, antropologicamente, a sensibilidade. O ser humano não é uma alma e um corpo, é uma corporalidade unitária, sem alma.

O que chamamos de “alma” são as faculdades superiores do cérebro. Assim pensa toda uma tradição semita, desde a Babilônia, os fenícios, os palestinos, os hebreus, os cristãos, os islâmicos: somos uma unidade, não há alma. As faculdades superiores (da alma) são as faculdades superiores do cérebro, e a sensibilidade está no mesmo nível que a inteligência, e a vontade. Aí temos que fazer uma correção antropológica. A inteligência, a vontade, a sensibilidade... e o sentir: uma atividade espiritual, humana, de nível cerebral, profundamente humana. Eu teria que me deter em muitíssimos aspectos, porque é preciso redefinir a antropologia e depois me estender no tema da beleza.

Saint-Simon dizia: “os animais não conhecem o que é a beleza”. Que barbaridade. Vou dar-lhes exemplos que Katya Mandoki nos fornece³. O pavão estende suas plumas ante a fêmea. Para quê? Para mostrar a beleza de sua cauda, de diversas cores e detalhes. E a fêmea, que é meio feinha, escolhe o pavão mais belo, para acasalar. Por isso, Darwin disse, em seu segundo livro, não o *Origem das espécies* (1859), mas outro mais importante: que a beleza é que permite a evolução da vida. Então se vai elegendo o macho mais belo e assim a evolução vai crescendo. Do contrário, que sentido faz que a cada manhã o galo cante no nascer do sol? É

³ MANDOKI, Katya. *El indispensable exceso de la estética*. México: Siglo XXI, 2013.

um fato espetacular. O galo não apenas sente o sol, porque é óbvio que o sente. Como também, ao seu modo, faz uma obra de arte. Não do nível humano, mas uma obra de arte no nível do animal, um canto, um cacarejo, um canto ao sol. E por que o galo canta ao sol? Essa vai ser minha chave para poder descobrir o que é a beleza.

E por que digo *a chave* para descobrir a beleza? Porque não encontro, desde Platão até Habermas, uma descrição suficiente do que seja a beleza. Para Platão, a beleza é a ideia da beleza. Mas a ideia é intelectual, a ideia não é a beleza. Hegel também vai dizer que a beleza é a ideia, mas em outro sentido, diferente daquele dado por Platão – que tem em vista algo como Deus quando fala da beleza –, mas em Hegel a beleza é um momento intelectual, não é algo da sensibilidade. Então se deriva a estética toda da inteligência, e não se descobre o sentido da beleza. Alguns nem sequer definem a beleza. Com muito prazer, fui amigo e admiro a obra estética de Sánchez Vásquez, mas nunca deu uma definição de beleza. Meu amigo Walter Mignolo, que também está se dedicando à estética, deixa a definição para os metafísicos, e então não define o que seja a beleza. É muito complicado, deixaremos isso de lado... mas se não definimos o que é a beleza, se não a descrevemos, não entendemos o que é a estética.

402

Temos que chegar a uma definição da beleza. E a beleza é descoberta, no mundo animal, em todos os níveis, como demonstra Katya Mandoki. Até na arquitetura. Tem um ninho pendurado em um galho, no ar. Foi projetada uma base muito forte para a construção do ninho, que vai segurar o peso do ninho, da fêmea, dos ovos e da nova prole. Todo esse peso pende de um ponto, em que um ninho está pendurado. Esse ninho é um lar, é uma casa, cumpre uma função arquitetônica, como qualquer ninho, embora nem sempre seja tão espetacular como os ninhos pendurados por um cordão, projetado para resistir ao peso do ninho. Ou ainda há os pássaros que fazem um buraco na árvore, para fazer o ninho no tronco da árvore, os chamados pássaros carpinteiros. Significa que são capazes de projetar um ninho para os filhotes novos, até que possam voar. Então, temos a arquitetura, e temos a canção. O galo canta, e isso significa uma melodia que pode construir. Uns cantam mais belo que outros, porque também estão conquistando a fêmea, que escolhe o seu pássaro, aquele que tem o melhor

canto. Por fim, há um voo nupcial, em que há uma abelha, possivelmente a rainha, que voa seguida pelos zangões, nesse voo nupcial. Um zangão consegue capturar a princesa, fecundá-la e fazê-la rainha. Depois, os zangões perdem sua função. Mas houve um voo nupcial e então houve uma dança. E claro, os machos lutaram entre eles, para ver quem acasala com a fêmea, o que também é um duelo, à maneira de dança, anterior ao acasalamento. Temos todos os elementos para demonstrar que os animais têm agrado estético e fazem obras de arte. Katya Mandoki o demonstra em seu livro, e é muito bonito.

E agora, temos que passar ao centro de minha exposição que, no meu livro, será a tese três, que se chama “A *áisthesis*: a beleza natural como fundamento do horizonte ontológico estético”. Então descrevo e começo a dar uma primeira descrição, porque não encontrei outra. Vejam como é grande a minha pretensão, de definir o que é a beleza, pela primeira vez. Luis Juan Guerrero, um grande filósofo argentino, tem uma bela estética, fenomenológica, em três volumes, de maneira heideggeriana, nunca define a beleza. Tem inclusive um livro que se chama *O que é a beleza?* (1965), mas não a define.

403

Posso dizer que não tenho lido nenhuma descrição do que é a beleza. Faço essa descrição da beleza no parágrafo 3.9: “A função da beleza, o gosto da realidade como o próprio conteúdo da vida humana”. A beleza e o gosto são dois momentos de uma relação dialética. A relação dialética supõe que um termo inclui o outro mutuamente. Se digo *maternidade* significa que há uma mulher, que é a mãe de uma filha, um filho. Se digo *filiação* significa que há uma filha, ou um filho, que é filho de uma mãe. Um termo, dois termos, a própria relação, três elementos e a direção da relação. Na maternidade, a mãe é o ponto de partida e a filha é o efeito. Na filiação, a filha é o ponto de partida, e a mãe é o efeito. Se tem uma filha, é mãe. Se não tem uma filha, é uma mulher, mas não é mãe. Essa é uma relação dialética. Pois bem, entre a beleza e o gosto há uma relação dialética. Onde há beleza, há gosto. Onde há gosto, há beleza. Onde há desgosto, não há beleza.

O que é a relação entre gosto e beleza? Primeiro, essa é uma relação de todos os viventes. O não vivente, o físico, o cósmico, o astronômico têm

atração e reação. Katya Mandoki demonstra que esta é a origem mais distante da estética: o belo atrai e o feio repele. Atração e repulsão, é como acontece no mundo físico. Mas no mundo físico é muito simples. No mundo dos viventes agrada-lhes aquilo que lhes permite seguir vivendo. Aí está a chave da definição de beleza. Todos os seres vivos. As plantas têm uma estética ao modo das plantas: a raiz vai buscando a água porque, poderíamos dizer analogicamente, “gosta” de água. Porque aí está a origem de sua vida. A planta estende sua folha ao sol. Poderíamos dizer que ela gosta do sol, porque aí se cumpre a função fotossintética. Mas entre os seres vivos cerebrais, com sistema nervoso, como os insetos, já temos um tipo superior de agrado e de desagrado. E os animais já chegam quase a um nível humano, em que temos um nível animal sobre o qual disse Heidegger – em “O que é a metafísica?” (1929), escrito depois de *O ser e o tempo* (1927) – que é um mundo pobre, mas é um mundo. No ser humano chegamos à plenitude. Vemos o vivente ante a realidade do cosmos, cosmos no qual encontramos a condição da vida. A primeira coisa que faz um vivente que quer viver é, por exemplo, comer, beber. Ao mesmo tempo que essas são exigências éticas, seriam também exigências estéticas.

E o que seria a beleza? Responderei muito resumidamente, e isso exigiria todo um curso. O vivente capta a substância mesma de uma coisa, o que pode ser a origem de sua vida. Se vê uma pedra não pode ser a origem. Pode ser depois a parede de uma casa, mas é distante. Se vê uma maçã é um alimento, e está buscando algo para saciar sua fome, que surge porque a vida destrói matéria e energia e temos que repor isso. Então o vivente, ao ver a realidade, capta no real o que pode ser a origem da vida. Isso é beleza. Por isso, gosta. O gosto subjetivo do vivente, aquele que se alegra porque agora tem uma maçã para comer, para vencer sua fome e para continuar sua vida. Isso explica que o sentimento seja um ato praticamente de alegria, pois o vivente diz “eureka!, descobri algo que me permite seguir vivendo”. Por isso há uma relação recíproca entre a realidade, como origem da vida e a alegria do vivente que, ao consumir, ao viver essa objetividade, a torna subjetiva, e isso amplia sua vida, repõe a matéria, a energia, e lhe permite seguir vivendo. Isso assim tão simples é uma definição de beleza, porque se como uma maçã podre não me agrada, porque sinto o cheiro de podre,

porque vejo uma cor diferente daquela da maçã madura, e quando chega às papilas gustativas não tem gosto de maçã e sim de podre, então a cuspo. Porque há diferença entre o que alimenta e o que envenena, e não temos que nos equivocar, porque se eu não pudesse discernir entre o que alimenta e o que envenena morreria ao contato do primeiro veneno que encontrasse, pois poderia crer que é um bom alimento. Quero dizer que a sensibilidade do meu corpo reage àquilo que causa minha vida, e por isso o sentimento se agiganta e se alegra, e cumpre então com a definição de gosto. Tampouco os empiristas sabiam o que era gosto. O gosto é o que produz nas papilas gustativas (em princípio) um bom alimento, o que também significa um belo alimento. Como também uma bela casa, uma bela escultura e também uma bela obra literária. Mas, nesse caso, tenho que percorrer um longo processo para chegar a dar-me conta daquilo em que consiste a beleza da literatura. Deem-se conta de que é uma estética completa.

405

A segunda constelação é: uma vez que se tem decretado, e se tornado habitual, conceber umas coisas como belas, e outras como feias, que agradam, ou desagradam, se faz o sistema estético, vigente e dominador. Ao dizer “dominador”, agora passo à sociologia, à história e a outras ciências. Dominador supõe que, para dominar, se impõe seu tipo de beleza a todos os demais, que não têm o mesmo critério de beleza. O critério de beleza de Hollywood para a mulher é: magra, esbelta, delgada, branca, loira, olhos azuis. Isso é o belo. Agora, uma africana que não é esbelta, mas que tem formas mais voluptuosas e belas, mas na África, que tem cor negra, que tem cabelos nada loiros, nem lisos, mas enrolados, tem outro tipo de beleza, e essa é decretada, pela beleza dominante como o feio. E aí já estamos no nível ético, político, econômico, cultural. A beleza da cultura dominante se impõe como a beleza universal e os “feios” aceitam sua feiúra. Tentam imitar, pintando seu cabelo, mudando até por operação sua cor negra, para parecerem com um branco. Aí então, surge a rebelião de Frantz Fanon contra o racismo, que é sobretudo um critério estético de culturas, raças e humanos diferentes de outros, que são dominados por eles. Os egípcios eram negros; já os gregos e os do norte da Europa eram brancos. E os egípcios os chamavam “os vermelhos” e para eles os vermelhos germânicos eram os bárbaros. Os negros egípcios, perfumados e vestidos como faraós,

eram os belos. Nesse caso havia outros critérios de beleza que se impunham. Não são eternos, são temporários.

Então, na segunda constelação, vem a negação da pretensão de universalidade da beleza de um sistema dominante. Aí surge a Estética da Libertação. Começamos a apreciar a estética dos maias, dos astecas, dos incas, dos chibchas, dos povos originários, hoje os povos amazônicos no Brasil. Hoje existe um movimento amazônico que tem tido presença nas redes sociais, através dos meios eletrônicos. Estão falando da hiperpotência estética, criadora dos indígenas, que respeitam a mãe natureza. Por outro lado, os brancos modernos, que fazem grandes descobrimentos técnicos, estão destruindo a vida e realizando um grande suicídio coletivo da humanidade. Quer dizer, se estão inventando tecnologia, também estão cavando um fosso em torno da vida, infectando os oceanos, a atmosfera e criando as condições da morte. Então prontamente se levanta um indígena e ergue um nível estético, que pode ensinar aos brancos e aos chamados “civilizados” seus erros fundamentais.

406

Passamos assim à parte construtiva: o terceiro nível da constelação. Que é quando precisamos começar a estudar as distintas áreas da produção, não da avaliação da beleza, mas da produção da obra de arte, e aqui não falo da *aisthesis*, do gosto pelo belo, mas da arte, *téchne*, da produção da obra. A obra de arte é um produto humano e nela o ser humano cria uma beleza propriamente humana, em um nível paralelo ao da vida empírica. Isso é o que um autor como Hans Blumenberg⁴ chama de “estética do metafórico”. Todas as artes (a arquitetura, a pintura, a escultura, a música, a literatura e as demais artes ou tipos de arte) são metáforas, são horizontes de sentido criados pelo ser humano. Se o ser humano desaparece, restam as ruínas. Como, por exemplo, em Yucatán, no México, havia ruínas fabulosas dos maias, mas séculos antes já tinham sido desabitadas, ninguém vivia nelas. Os espanhóis perguntavam aos maias: “de quem são essas enormes pirâmides e cidades?” “Nem são nossas, nem sabemos quem as fez. Quem sabe os deuses...” Tinham perdido sua identidade e as obras ficaram como

⁴ BLUMENBERG, Hans. *Ästhetische und metaphorologische Schriften*. Haverkamp, A. (org.). Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2001.

ruínas. Havia se evaporado seu sentido, quer dizer, o elemento metafórico, constitutivo de todas as obras de arte.

Se há alguma que tem esse elemento metafórico é a literatura. As artes têm, primeiro, elementos de uma constituição ontológica. Por exemplo: a espacialidade, na arquitetura, na escultura, na pintura, na cerâmica, na porcelana. Todas essas artes se dão no espaço, instantaneamente, e organizam esse espaço. A espacialidade constitui a pintura e a arquitetura. Mas, de outro modo, a temporalidade constitui a música. Porque a música, em primeiro lugar, não contém um relato, como o contém a literatura, mas uma melodia, uma sucessão de belos sons. Teremos que ver em que sentido a música é bela. A literatura também conta com a temporalidade, nas obras literárias. *Cem anos de solidão* (1967) é um relato com um sentido conceitual, porque é um povoado, tem tios, netos, eles têm memória, falam uma língua, oferecem conteúdos que a inteligência capta. Na música não há relato, a melodia não tem conteúdo conceitual, tem um conteúdo melódico, ou seja, está situada em um nível diferente da literatura. E a literatura é um relato metafórico, inventado pelo ser humano, mitopoético na origem, porque os primeiros relatos são dos deuses, que são construções estéticas, de grandes sábios, de cada cultura. Podemos chamá-los *xamãs*, *tlamatini*, entre os astecas, ou os *amautas*, entre os incas, que construíram as grandes forças da natureza como limites divinos. Então havia a divindade do raio na tormenta, a divindade do sol, a divindade da lua. Na ordem da necessidade tudo era organizado, não havia liberdade, se cumpriam as normas estabelecidas pelos deuses, e tudo isso era um mundo mitopoético, o que significa: feito por um relato metafórico, compreensível para os membros dessas culturas. Se desaparecem textos, ou se não há textos, se desaparece a memória desses relatos, desaparece também essa *mitopoiesis*, e não resta nada, como quando os maias diziam: “nós não fizemos, nem sabemos quem teria feito essas obras majestosas, na selva de Yucatán”, que eram grandes cidades e durante séculos tinham sido ocupadas pelos maias, mas que quatro séculos depois esses maias tinham perdido completamente a memória do sentido desses templos, e dos relatos, que estavam por trás da construção arquitetônica desses templos, porque por trás havia uma literatura.

Estou me aproximando do tema, mas já falei por mais de uma hora. Este é o curso de estética. Temos que estudar as diferentes áreas da estética. As determinadas pela espacialidade, como a pintura, a arquitetura; também as determinadas pela temporalidade, que é a sucessão e aí está a literatura, que vai contando relatos com conteúdo conceitual. Porque o povoado de Macondo é um povoado como outros que conheço e posso representá-lo assim: tem avós, tias, gente, visitas, coisas compreensíveis. Mas o sentido total é o que faz o artista, quando faz viver esse mundo transcendental, metafórico, que ilumina e dá sentido à vida empírica, cotidiana. Aí temos que definir a relação entre o sentido metafórico e o acontecimento empírico, cotidiano, e como um enriquece o outro. Como o poeta toma as palavras, e joga com as palavras, criando uma beleza subsidiária da palavra, que dá à palavra novos sentidos, que passam depois à vida cotidiana e a fazem mais rica.

408

E o que dizer, quando passamos, por exemplo, ao cinema? O cinema é uma arte muito especial. Walter Benjamin fala desse tema da reprodutibilidade na era da técnica. O cinema começou com a fotografia, mas as fotografias vistas em grande velocidade puderam ser vistas como algo em movimento. O cinema colocou a fotografia em movimento, graças à teatralização mímica de um Charles Chaplin, que é um pouco como um teatro mímico, sem conteúdo direto no começo. Mas depois se agregou o som ao movimento visto em fotografias e então entrou a música. E ao entrar a música, o cinema se aperfeiçoou como fotografia em movimento e a palavra por sua vez foi aperfeiçoada como música. E depois se precisou colocar tudo isso em um relato literário, que deve se escrever especialmente para o cinema, que é a literatura cinematográfica, daqueles que escrevem para o cinema. Do mesmo modo, alguns músicos fazem música para o cinema. Então o cinema se transforma em uma arte de muitas artes. É fotografia, é música, é literatura, é história, acontecimentos, ou é pura fantasia e metáfora. Isso, então, leva à realização eletrônica por meio do vídeo, que se populariza e milhões de pessoas têm seus instrumentos eletrônicos em seu equipamento cotidiano e começam a participar nas redes sociais. Estamos vivendo uma revolução muito profunda na estética, e também na literatura.

E em que consiste a Estética da Libertação? Em prestar atenção à beleza oculta do povo... a aristocracia estética chega aos salões de gravata-borboleta, onde se precisa pagar, como nas óperas dos grandes teatros, onde tocam as grandes orquestras sinfônicas e a representação teatral de alto nível. Recuperar o popular, a música popular, os relatos populares... O *mariachi*... ele tem algo de história porque conta acontecimentos com seus instrumentos, com suas trombetas, que o Imperador trouxe de Viena para o México e o povo as adotou. Então o povo adota até os instrumentos da arte aristocrática, oligárquica, na música popular. A Estética da Libertação deve prestar uma atenção muito especial à ignorada arte popular, à literatura popular, à arte, ao teatro popular, àquilo que não aparece porque está dominado: a alteridade da beleza.

Estou falando por mais de uma hora e essas são algumas ideias da estética que vem aí. Que espero terminar logo, e também publicar logo. Muito obrigado.